

**DESMISTIFICANDO AS PRÁTICAS DE LUTAS E PROBLEMATIZANDO
QUESTÕES RELACIONADAS À VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DEMISTIFYING FIGHTING PRACTICES AND PROBLEMATIZING ISSUES RELATED TO
VIOLENCE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

DESMISTIFICACIÓN DE LAS PRÁCTICAS DE LUCHA Y PROBLEMATIZACIÓN DE LOS
PROBLEMAS RELACIONADOS CON LA VIOLENCIA EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Laiza Maria Almeida ¹
Rafaella Bôto Ferreira Costa ²
Luciana Venâncio ³
Luiz Sanches Neto ⁴

Manuscrito recebido em: 30 de junho de 2021.

Aprovado em: 01 de novembro de 2021.

Publicado em: 12 de novembro de 2021.

Resumo

Este artigo caracteriza-se como de natureza bibliográfica e cunho descritivo-exploratório, seu objetivo é desmistificar a violência como sendo intrínseca às lutas, bem como problematizar situações de violência que se apresentam no âmbito da educação física escolar (EFE) relacionadas a este conteúdo, apontando o ensino das lutas como uma possibilidade de debater e compreender de forma mais ampla esta temática. Estudos apontam a necessidade de discutir a associação das lutas a práticas violentas e agressivas, o que evidencia uma lacuna acerca do debate sobre a pluralidade sócio-histórica e cultural dessas práticas. Na tentativa de contribuir, realizamos o levantamento bibliográfico sobre o estigma de violência e agressividade atrelado às lutas,

¹ Graduanda em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1202-925X>

Contato: laizamfreitas5155@gmail.com

² Mestranda em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6616-410X>

Contato: rafaellaboto@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora na Universidade Federal do Ceará e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2903-7627>

Contato: luvenancio@ufc.br

⁴ Doutor em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor na Universidade Federal do Ceará e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9143-8048>

Contato: luizitosanches@yahoo.com

relacionando o ensino dessas práticas com o processo de desenvolvimento humano dos sujeitos, considerando as questões de violência que afetam o contexto das aulas de EFE. Diante do exposto, consideramos relevante uma abordagem teórico-metodológica que desmistifique a percepção superficial sobre o ensino das lutas, projetando um olhar crítico e reflexivo sobre estas práticas que fazem parte do “Se movimentar”, problematizando os mais variados aspectos a estas relacionados, que nos permitem compreender sua aproximação com questões sociais, econômicas, políticas, filosóficas, dentre outras demandas ambientais apresentadas pela EFE. Em síntese, consideramos que o entendimento sobre as lutas deve ultrapassar os conhecimentos técnicos e táticos de cada prática, imergindo em questões mais profundas que contraponham ideias equivocadas sobre as lutas, como a relação errônea destas com as situações de violência. É necessário então pautá-las numa perspectiva complexa para sistematizá-las como elementos na dinâmica da cultura.

Palavras-chaves: Educação Física Escolar; Conteúdo Curricular; Ensino das Lutas; Violência na escola.

Abstract

This article is bibliographic and descriptive-exploratory, its objective is to demystify violence as being intrinsic to fights, as well as problematize situations of violence in the context of school physical education (PE) related to this subject matter, pointing out the teaching of fights as a possibility to debate and understand this theme in a broader way. Studies point to the need to discuss the association of fights with violent and aggressive practices, which highlights a gap in the debate on the socio-historical and cultural plurality of these practices. In an attempt to contribute, we carried out a bibliographic survey on the stigma of violence and aggressiveness linked to fights, relating the teaching of these practices to the human development process of the individuals, considering the issues of violence that affect PE classes. We consider relevant a theoretical-methodological approach that demystifies the superficial perception of the teaching of fights, projecting a critical and reflective look on these practices that are part of “*Sich Bewegen*”, problematizing their varied aspects to approach social, economic, political, philosophical issues, among other environmental demands presented by PE. In summary, we consider that the understanding of the fights must go beyond the technical-tactical knowledge of each practice, immersing themselves in deeper questions that counteract mistaken ideas about the fights, such as their erroneous relationship with situations of violence. It is then necessary to guide them in a complex perspective to systematize fights as elements in the dynamics of culture.

Keywords: School Physical Education; Curriculum Content; Fight Teaching; Violence at school.

Resumen

Este artículo tiene carácter bibliográfico y descriptivo-exploratorio, su objetivo es desmitificar la violencia como intrínseca a las luchas, así como problematizar situaciones de violencia que se presentan en el contexto de la educación física escolar (EFE), señalando la enseñanza de las luchas como una posibilidad para debatir y comprender este tema de manera más amplia. Los estudios apuntan a la necesidad de discutir la asociación de las luchas con las prácticas violentas y agresivas, lo que evidencia un vacío en el debate sobre la pluralidad sociohistórica y cultural de estas prácticas. En un intento de contribuir, realizamos un relevamiento bibliográfico sobre el estigma de la violencia y agresividad vinculada a las luchas, relacionando la enseñanza de estas prácticas con el proceso de desarrollo humano, considerando los temas de violencia que afectan las clases de EFE. Consideramos relevante un enfoque teórico-metodológico que desmitifique la percepción superficial de la enseñanza de las luchas, proyectando una mirada crítica y reflexiva sobre estas

práticas que formam parte del “*Sich Bewegen*”, problematizando los más variados aspectos relacionados con las mismas, que permiten comprender su abordaje de los temas sociales, económicos, políticos, filosóficos, entre otras demandas ambientales en EFE. En resumen, consideramos que la comprensión de las luchas debe ir más allá del conocimiento técnico-táctico de cada práctica, sumergiéndose en cuestiones más profundas que ideas equivocadas sobre las luchas, como su relación errónea con situaciones de violencia. Es necesario entonces orientar una perspectiva compleja para sistematizar los elementos en la dinámica de la cultura.

Palabras-claves: Educación Física Escolar; Contenido del Currículum; Enseñanza de las Luchas; Violencia en la Escuela.

Introdução

As lutas configuram-se entre as práticas corporais mais antigas da humanidade e são cooptadas globalmente por diferentes instituições, com interesses distintos, ao longo do processo histórico, fazendo assim com que o próprio termo “Luta” assuma um caráter polissêmico de acordo com o contexto no qual é aplicado (CORREIA; FRANCHINI, 2010). No Brasil, por exemplo, as lutas foram incorporadas como muitas outras práticas ao método institucional dos treinamentos militares pelas forças armadas brasileiras, muito antes de serem estruturadas em uma perspectiva pedagógica voltada aos propósitos da educação física escolar, conferindo assim a estas práticas corporais características militaristas, que iam para além do preparo físico característico deste contexto. A educação física militarista buscava de acordo com GHIRALDELLI JUNIOR (1998, p. 18), “impor a toda a sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de caserna [...] o objetivo fundamental da Educação Física Militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra”.

Esses interesses difusos, que se sobrepõem às lutas, implicam na complexidade inerente à compreensão da sua dinâmica cultural. Como exemplo de prática de luta a se adaptar a esse contexto, temos a esgrima que chega ao Brasil no período imperial, impulsionada como elemento cultural de predileção pelo imperador Dom Pedro II, sendo inicialmente inserida nas tropas imperiais quando nem mesmo havia um mestre d’armas residindo no Brasil.

No período imperial, devido ao interesse de Dom Pedro II, a esgrima começou a surgir, principalmente, no emprego do sabre nos corpos de tropa. Em 1858, é estabelecida a esgrima regimentalmente para os cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar de Realengo, havendo, inclusive, a fundação de uma escola de esgrima no Batalhão de Caçadores de São Paulo. No final do século XIX, já no Brasil República, surge um movimento em prol da esgrima, na Praia Vermelha. Em 1906, por iniciativa do Coronel Pedro Dias de Campos, do Batalhão de Caçadores de São Paulo, é criado o Curso de Formação em Ginástica e Esgrima, que ficou a comando do Capitão Balandie. Em 1909, é criado um curso de esgrima na Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo. Em 1922, é criado o Centro Militar de Educação Física, na Vila Militar, Rio de Janeiro, o que incentiva a vinda do mestre d'armas francês Lucien de Merignac e, também, a criação de um núcleo de esgrima no Colégio Militar do Rio de Janeiro, por parte de Valério Falcão, instrutor do e estabelecimento. O Exército Brasileiro contrata os serviços do mestre Gauthier, instrutor de esgrima da Escola Joinville le Point, da França, para ministrar esgrima aos militares no Brasil. Em 1927, a Federação Paulista de Esgrima e a Federação Carioca de Esgrima se unem e criam a União Brasileira de Esgrima, com o apoio da Liga de Desportos do Exército e da Marinha. A União Brasileira de Esgrima se filia à Federação Internacional de Esgrima, e, em 1936, o Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Berlim (RIBEIRO; CAMPOS, 2007, p. 68).

Assim como a esgrima, muitas outras modalidades de lutas (boxe, judô, karatê, entre outras) foram inseridas nos treinamentos das forças de segurança nacional, para em seguida serem regulamentadas pelas instituições específicas e/ou inseridas no contexto escolar. Desse modo, o processo histórico precisa ser considerado e analisado para que possamos compreender o desenvolvimento e a perspectiva projetada sobre estas práticas, que assumem lugar de destaque nos currículos atuais de educação física, presente em parâmetros, referenciais e diretrizes para a educação básica. A atual proposição da base nacional comum curricular (BNCC) indica que o ensino e a aprendizagem das lutas são processos relevantes na escolarização, abordando temas como as lutas do Brasil e as lutas do mundo. A amplitude das lutas como conteúdos temáticos na dinâmica cultural e suas demandas históricas, sociológicas, políticas, econômicas dentre outras, permitem um debate aprofundado sobre questões inerentes à vida humana, como os debates sobre organização social (castas), relações políticas (maltas) e culturais (bases ritualísticas), entre outros assuntos relevantes.

As lutas, de maneira geral, têm seu desenvolvimento intimamente relacionado à gênese da organização humana. Nos primórdios das civilizações humanas, técnicas pouco desenvolvidas e armamentos mais rústicos eram utilizados como forma de preservar a vida diante das intempéries e garantir a sobrevivência individual e, a partir dos primeiros

agrupamentos sociais, também como ênfase na segurança coletiva. Na gênese do direito à propriedade como base do capitalismo, as lutas são cooptadas para preservar a posse territorial de cada grupo. Com o desenvolvimento bélico das grandes civilizações, as disputas por terras e riquezas promoveu uma ascensão das lutas, bem como dos implementos utilizados, que conferiam às batalhas um embate cada vez mais cruel e sangrento. As estratégias técnicas e táticas, naquele contexto, acabam sendo cruciais para decidir o destino de muitos combates. Naquelas ocasiões, o investimento material e, sobretudo, humano passou a ser também colocado em questão, tendo modificado as formas de lutar e de reconfigurar as lutas como elementos culturais, como se algumas tivessem se tornando “obsoletas” ou “ultrapassadas” (ALVAREZ, 2000).

Constantemente, as lutas são equivocadamente relacionadas ou vistas como práticas violentas e agressivas, por sujeitos que desconhecem o amplo valor moral, cognitivo, afetivo, mental e motor alicerçados a essas práticas corporais de maneira geral, o não aprofundamento sobre as raízes históricas, culturais, sociais, geográficas, filosóficas, estética de cada luta e suas ligações com a constituição dos diferentes povos e territórios como também desconhecimento das vertentes ritualísticas que guiam essas práticas levam a uma compreensão reducionista e superficial do trato deste conteúdo na educação física escolar, bem como desconsiderar a potencialidade dos conhecimentos e condutas relacionados a estas práticas contrapor as condutas de violência no ambiente escolar, ao invés de a elas estarem relacionadas (ALVES JÚNIOR, 2006). Brandão (2017), explica essa assimilação feita pelos(as) alunos(as), devido à ausência de abordagens que relacionam prática e cultura de cada luta, como o fato de a predominância de conhecimento ser sobre lutas esportivizadas, pois são propagadas na mídia como forma de entretenimento, levando a necessidade de abordar sobre a diversidade cultural dessa temática e trabalhar as diversas modalidades de lutas.

Ao trabalhar as lutas no âmbito escolar, ampliam-se as possibilidades de abordar questões sociais que se apresentam de forma corriqueira na escola e na sociedade, dentre elas as diferentes formas de violência, que acabam por vezes caindo no perigoso processo de naturalização, como as situações relacionadas ao *bullying*, a homofobia, ao racismo, dentre tantas outras práticas de violência moral, psicológica, simbólicas e até mesmo

físicas, como o feminicídio. Ao direcionar qualquer conteúdo na educação física escolar, é inevitável pensarmos nos sujeitos que estão participando do processo de ensino-aprendizagem, deste modo na educação básica estaremos interagindo e mediando o processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes, sujeitos(as) em formação e constante amadurecimento físico, mental, emocional, social e moral (ALMEIDA; ALENCAR, 2011).

Deste modo todas as possibilidades que possam fazer parte da vivência dos(as) alunos(as) para uma aprendizagem significativa, propiciando a autonomia e emancipação destes(as) devem ser utilizadas, aqui defendemos a prática do ensino das lutas como uma forte ferramenta nesse processo, tendo em vista que as lutas além de favorecer o desenvolvimento integral dos(as) indivíduos(as), favorece também o desenvolvimento de aspectos relacionados a cidadania, levando em consideração além da dimensão motora, as dimensões afetivas, cognitivas e sociais dos(as) envolvidos(as) (BREDA *et al.*, 2010).

Mesmo a escola sendo considerada um ambiente de atração, interesse e prazer aos(as) estudantes, ela também se mostra como um ambiente permeado por conflitos e atitudes de violência em suas mais variadas formas, tanto que um dos principais argumentos restritivos apontados por Nascimento e Almeida (2007, p. 93), para a não tematização das lutas pelos(as) professores(as) de educação física na escola seria a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínsecos às práticas de luta. Como afirma Olivier (2000, p. 11), “a violência é inerente às relações sociais e seria inútil e perigoso negá-la. É preferível considerá-la como resultado de múltiplas interações, manifestando-se em circunstâncias precisas”, ou seja, as atitudes de violência são também uma forma de expressão e comunicação, portanto, um fenômeno social o qual está relacionado a quem pratica e a quem sofre a violência, devendo assim ser considerada e problematizada, sobretudo no âmbito educacional (ORTEGA; DEL REY, 2002). Considerando essa possibilidade de trato, este estudo objetiva desmistificar a relação entre o ensino das lutas e problematizar as situações de violência no âmbito da educação física escolar.

Escolhas metodológicas

A fundamentação deste estudo se deu por meio da revisão de literatura, na qual foi realizada uma pesquisa bibliográfica de artigos e livros que substanciasse a temática proposta, pautada nas seguintes questões: Como desmistificar a ideia de que as manifestações da violência e da agressividade são inerentes às lutas? Quais as questões de violência escolar que estão relacionadas à educação física? De que forma o ensino das lutas pode contribuir no debate acerca da violência na educação física escolar? Na busca de responder a estas perguntas, selecionamos artigos e livros que pudessem favorecer um entendimento mais ampliado sobre essas questões e contribuir no atendimento aos objetivos do estudo. A seleção dos artigos ocorreu por meio das seguintes plataformas e revistas: *Google Scholar*, *ResearchGate*, *SciELO*, plataforma CAFe (Comunidade Acadêmica Federada) da CAPES, revistas *Motrivivência* e *Motriz*.

Inicialmente, consideramos a inclusão de referências no período entre 2010 e 2020. Mas, no processo de busca ampliamos o escopo desse critério de inclusão ao perceber a necessidade de aprofundar a fundamentação teórica para o estudo. Assim, deixamos o período de busca em aberto e recorreremos também a livros específicos da área tematizada, bem como utilizamos documentos e referenciais curriculares – como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – para evidenciar o trato pedagógico desse conteúdo na educação física escolar. Os critérios de busca ocorreram por meio de descritores relacionados ao ensino das lutas na educação física escolar e às questões de violência na escola.

De acordo com as temáticas identificadas, agrupamos os achados nos seguintes tópicos: (1) um breve panorama sobre o processo histórico das lutas, (2) a espetacularização e a esportivização das lutas, (3) cooptação midiática das lutas nos jogos eletrônicos, filmes e desenhos animados; (4) as lutas na dinâmica curricular da educação física escolar; (5) problematização das lutas na educação física escolar; (6) abordagem metodológica das lutas na educação física escolar.

Um breve panorama sobre o processo histórico das lutas

O vocábulo “luta” tem valor polissêmico por remeter a diferentes significados amplos e dinâmicos como lutas por direitos, classes, trabalhadores(as), entre tantos outros. No entanto, o sentido *lato* do termo remete às circunstâncias de combates corporais (GONÇALVES; SILVA, 2013). Sob esse olhar, observamos que a luta faz parte da dinâmica cultural da humanidade desde os primórdios das civilizações, quando as técnicas corporais eram utilizadas para fins de sobrevivência, na proteção do território e na caça (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Com o surgimento e desenvolvimento das grandes civilizações as lutas passaram a assumir um importante papel durante as guerras, passando assim a serem consideradas como artes marciais, para os romanos o termo “marcial” faz referência ao deus Marte, deus da guerra (TRACIL, 2014).

Ao traçar uma aproximação entre os conceitos de “lutas” e “artes marciais”, tem-se que o primeiro pode ocorrer por implicações de submissão entre os sujeitos, seja por conflitos de interesses ou qualquer outra amarra contemplativa da humanidade, com isso percebe-se um conceito amplo que abarca diversas formas de combate corpo-a-corpo, já o segundo relaciona-se às técnicas corporais orientais combinadas aos princípios religioso-filosóficos de respeito às tradições culturais dos locais em que essas artes se desenvolveram, assim pode-se dizer que toda arte marcial é uma luta, mas nem toda luta é considerada uma arte marcial (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Cada arte marcial possui origens distintas, essas que por vezes marcam processos de conquistas por território de um povo, como exemplo, o muay-thai, essa que foi usada como método de autodefesa por imigrantes, enquanto percorriam o caminho da China para onde, hoje, é a Tailândia, os chineses buscavam terras férteis para agricultura, durante essa travessia era comum ataques de saqueadores, com isso os artifícios de defesa do muay-thai foram importantes para preservar e construir a identidade de seu povo (CRUZ, 2019).

De acordo com Said (2007, *apud* TRACIL, 2014), ao discursar sobre a cultura oriental é possível perceber a dominação e apropriação material do ocidente em relação aos orientais representados como exóticos, inferiores e incapazes de representar a própria cultura, assim observa-se processos de cunho civilizador sobre os povos orientais. Nesse

contexto, tem-se o processo de tornar as artes marciais em esportes de alto rendimento, essas que por vezes para o ambiente ocidental não teve seus princípios filosóficos perpassados, apenas o uso de suas técnicas para fins de lazer, treinos e combates esportivos, o qual o método de luta precisou ser alterado para adequar se aos padrões de competição (BRANDÃO, 2017).

Indo mais adiante no contexto das lutas, é válido explanar sobre a origem da capoeira no Brasil, essa que tem sua história marcada pela escravidão e tráfico de pessoas negras, submetidas a situações desumanas, assim a capoeira é símbolo de resistência a violência do sistema colonial, a qual se caracteriza por representação de elementos africanos, marcada por movimentos acrobáticos, menção a religiosidade e música, apresentando-se como jogo, dança e luta (MELLO, 2002).

Por sua vez, o processo de difusão do jiu-jitsu, esse que tem origem japonesa com forte influência do budismo em seu código ético como forma de guiar a conduta do praticante, no entanto, ao iniciar se no Brasil, essa arte marcial foi difundida como a luta corpo a corpo com as técnicas mais eficiente para derrotar adversários, com técnicas de estrangulamento e golpes de precisão, assim, abstendo-se das raízes do jiu-jitsu, que passou a ser praticada no Brasil com ênfase em competições e brigas de ruas, assim todos desejavam aprender essa técnica principalmente a elite carioca, em que ficou conhecido o termo os “pitboys”, esses que eram conhecidos por brigar em praias, boates e nas ruas do Rio de Janeiro (COELHO, 2006, p. 22).

É inegável que as lutas passaram por diversas mudanças e assumiram diferentes significados durante seu desenvolvimento, e que embora houvesse condições de violência em todas as sociedades como forma de defesa e ataque para garantir a sobrevivência, boa parte dessas práticas progrediram objetivando contrapor as violências sofridas, nesse ínterim perpassando de práticas de guerras e autodefesa para atividades de lazer, recreação e educação escolar (URVANEZIA, 2011). Bem como a capoeira que se estruturou no contexto igualmente violento do escravismo criminoso no Brasil, pelos escravizados e seus descendentes como forma de manter viva seus rituais e culturas, além de técnicas de defesa contra tropas coloniais, a prática sofreu sérias represálias pela elite colonial, o que fez manter quase impraticável (FERNANDES, 2010).

Torna-se nítida a semelhança da condição utilitária das lutas nos vários contextos já citados, mas vale também considerar diferenças marcantes nesse processo evolutivo, como por exemplo a perspectiva “holística” característica das práticas de lutas orientais que trazem uma perspectiva de desenvolvimento integral dos sujeitos, considerando uma simbiose entre o corpo, a mente e o espírito do praticante para que este preserve os valores morais que alicerçam cada arte e estimulem uma conduta ética e justa no uso dos conhecimentos angariados durante a prática e estudo das referidas lutas, além disso observa essa como uma característica marcante das lutas é o aspecto de estimular a busca pelo autocontrole e disciplina (TRAMONTIN, 2008). Enquanto que numa perspectiva relacionada às lutas ocidentais podemos observar uma postura dicotômica entre corpo e mente, preservando um direcionamento cartesiano de divisão entre as partes, ou seja o desenvolvimento da luta se volta de forma mais enfática ao desenvolvimento físico e ao aprimoramento técnico (FERNANDES, 2010).

A espetacularização e a esportivização das lutas

Mesmo as lutas tendo uma longa história, podemos citar o pancrácio como uma das práticas corporais que se tornou um “espetáculo” na antiga civilização grega. O pancrácio era uma prática de luta de extrema violência e agressividade, a qual não possuía nenhuma regra, o vencedor dava-se por quem resistisse, essa prática reunia um grande público para assistir aos combates selvagens entre os oponentes, no entanto devido ao elevado número de óbito dos praticantes alguns ajustes foram necessários, sendo assim criadas três regras na competição, proibindo inserir os dedos nos olhos, atacar a região genital, e morder, além de interferir na competição quando um dos atletas ficasse inconsciente e permitindo ao treinador e ao atleta sinalizar desistência.

Foi nesse período também que surgiu um dos primeiros manuais de lutas, em que curiosamente apresenta o esmagamento dos testículos como a única técnica para a qual não havia possibilidade de defesa, logo as regras foram alteradas. Ao analisarmos o processo de esportivização do pancrácio nota-se que um dos objetivos de transformar a arte marcial em esporte é tornar essa prática uma forma de competição que possa ser

apreciada, atenuando a violência e a agressividade, impondo limites e garantindo a segurança dos competidores, para que não precisem lutar até a morte (TRACIL, 2014).

O sociólogo alemão Norbert Elias caracteriza o conceito de esportivização com base em sua teoria do processo civilizador, abordando esse termo como método de transformação de atividades próprias de cada país, praticadas ao modo de cada cultura, que por vezes eram passatempos, marco da história de um povo ou métodos de lazer em esporte com regras e códigos oficiais com fins de estabelecer atenuação da violência e agressividade nessas práticas, assim permitindo que essas atividades pudessem ser exploradas em outros países de forma padrão (ELIAS; DUNNING, 1992).

Segundo Rios (2005), a polarização esportivizada das artes marciais alguns pontos importantes que compõem a luta são ignorados como as influências filosóficas que regem a luta, além de serem modificadas ao gosto do mercado financeiro e passarem por influências de culturas diferentes, por vezes esquecendo ou colocando-se em segundo plano normas e valores éticos. Diante do exposto, ressaltamos a relevância de tratar os pontos mencionados e os diferentes significados atribuídos às lutas até que estas fossem sistematizadas nos currículos de educação física, de forma a ministrar exposições sobre a predominância códigos de condutas e preceitos filosóficos próprios de cada uma delas.

Nesse sentido, expressões como vale-tudo, *pride*, MMA e UFC tornaram-se conhecidas globalmente. O vale tudo caracteriza-se por ser uma modalidade de luta que contempla vários estilos de arte marcial, essa teve origem no Brasil, em 1940, pela família Gracie, que é conhecida pela grande expertise com o *jiu-jítsu*, com isso eles procuravam desafiar lutadores de outras modalidades para combates, a fim de comprovar a eficácia do *jiu-jítsu* o evento era regido por poucas regras, além disso a família teve grande participação nas lutas do UFC (*Ultimate Fighting Championship*), lutas que renderam muito lucro e grande participação midiática (GARCIA NETO; VOTRE, 2015).

Outro marco dos Gracie foi representado pela luta entre o brasileiro Rickson Gracie e o japonês Nobuhiko Takada. Esse duelo aconteceu na primeira edição do *Pride UFC*, era um evento de lutas mistas realizado no Japão, o qual também carregava milhares de telespectadores e destacava-se pelo caráter violento com ausência de regras (LIMA *et al.*, 2015). O UFC constituía-se por duelos com poucas regras semelhante às lutas de vale-tudo,

em que apenas não era permitido dedos nos olhos e morder o adversário, com ênfase na influência e suporte da mídia por veicular imagens impactantes e focar maior atenção para os machucados, mediante o caráter violento e agressivo, órgãos públicos estadunidenses, propuseram o impedimento do UFC. No entanto, o evento rendeu muito lucro para os investidores e a rede midiática, assim devido a essas implicações para que a luta se tornasse mais “civilizada”, criou-se regras que tinham como objetivo preservar a integridade de cada sujeito e a intervenção do árbitro de forma mais rápida, como também estabeleceu diretrizes a rede midiática, que deveria filmar a luta toda, mas não poderia focar em ferimentos, assim para (des)associar do estigma de violência o UFC passou a usar o termo MMA (abreviação do inglês *mixed martial arts*) para referir-se às lutas e o termo UFC como organização das lutas, nesse contexto as lutas perpassam de um caráter expositivo violento para outro com preparo para o público como forma de entretenimento e repleto de *marketing* (VASQUES, 2013).

Cooptação midiática: as lutas nos jogos eletrônicos, filmes e desenhos animados

De acordo com Kasprzak (1997), os desenhos animados, apresentam-se para as crianças como produtos culturais de entretenimento, com fonte no lúdico e na fantasia, para essas ao assistir as histórias dos desenhos, buscam definir o que está certo e errado, esses princípios a criança usa seus conhecimentos prévios do mundo, nesse viés é corriqueiro no contexto de desenho a resolução dos conflitos pelo uso da força e de algumas técnicas de lutas para estabelecer a ordem, com isso as lutas aparecem para o público infantil como alternativa para resolver conflitos, de forma violenta e agressiva, por vezes atribuindo a esta prática um lugar banal.

Gonçalves (2010), abordou em sua aula de educação física a relação das lutas na perspectiva dos desenhos animados, a autora ressaltou que ao pedir para os(as) alunos(as) reproduzirem movimentos corporais das lutas presente nos desenhos, observou-se a mistura de golpes com apenas um “toque” e a utilização de armas imaginárias, ao buscar refletir com os(as) alunos(as) sobre a diferença das lutas praticadas no mundo fictício e o do mundo real, esses abordaram a ausência de “vilões” na vida real e a “imortalidade” do

herói que continua lutando mesmo machucado e a perspectiva de “salvar o mundo” presente nos desenhos.

A maioria dos desenhos animados apresenta o super-herói como ícone masculino e/ou personagem caracterizado com o representante do “bem” como o forte fisicamente, e com domínio de técnicas das lutas para combater e/ou proteger a sociedade, esse que usara de sua força e *expertise* com os movimentos proeminentes das lutas para deter o personagem dito como do “mal”, tal contexto é apresentado de maneira lúdica como o “certo”, questiona se as implicações desse uso das lutas como meio para salvar a humanidade a qualquer custo com uso de força (Kasprzak, 1997). Diante disso, observamos a aplicação das lutas dissociadas de seus valores éticos e morais, que são o sustentáculo da formação do(a) praticante que assume um compromisso com os códigos de conduta pertencentes a cada luta como elemento da cultura.

As lutas na dinâmica curricular da Educação Física escolar

Rufino e Darido (2015) defendem que diferenciar os termos associados às lutas é fundamental no trabalho docente. Então, é importante investir em compressões que enfatizem a necessidade de ampliação das perspectivas relacionadas aos aspectos históricos e culturais das práticas de luta, analisando o seu processo de construção social. De acordo com Rizzo *et al.* (2020, p.81), “o conteúdo lutas foi introduzido no contexto escolar de forma tardia, sendo que, até os dias de hoje, as lutas são as que mais apresentam relutância pelos(as) professores(as), os quais se justificam com os seguintes argumentos: falta de espaço, falta de material, falta de vestimentas adequadas e associações às questões de violência”.

As práticas de lutas aparecem como temática no currículo da educação física apresentado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) 1998, ao trabalhar segundo o viés das lutas a possibilidade de abordar outras questões como a presente relação das lutas com a violência e brigas, situações essas que são corriqueiras na escola e na sociedade, revestidas em cenários de bullying e em agressões verbais ou físicas. As lutas são um dos componentes curriculares da educação física, essas que permitem a exploração de seu

conteúdo através da prática, como também apresentar os aspectos históricos e filosóficos das artes marciais, porém é pouco abordado nas aulas seja por ausência ou insegurança do(a) professor(a) em relação aos conhecimentos sobre as lutas ou pela dominação hegemônica do esporte no currículo da disciplina (BRANDÃO, 2017).

Os PCN (1998) estabelecem a abordagem das lutas no ensino fundamental ao ensino médio, solicitam que seja abordado os conceitos histórico-sociais das lutas, conceituar sobre o ato de lutar com algumas indagações (“como, porquê, com quem, contra quem”), com isso propõe ao(a) professor(a) direcionamento para elaborar suas aulas, de forma que possa construir com os(as) alunos(as) caminho para uma comunicação ativa entre discente-docente a respeito do processo de aprendizagem, assim como também familiarizar os(as) alunos(as) com a prática de lutas e colaborar com desenvolvimento das habilidades motoras. Gomes (2008) ressalta

As lutas podem ser reproduzidas como artes marciais, esporte de combate, duelo e conflito, assim é necessário considerar a origem, objetivo e as pretensões que guiam cada praticante para atribuir sentido e significados, que podem ser singulares para cada pessoa (p. 55).

Concordamos com a colocação de Gomes (2008) ao abordar sobre a diversidade de abordagens que existem para abordar as lutas nas aulas de educação física escolar com ênfase para a apresentação histórica que regem a prática das lutas, assim como a construção crítica dos(as) alunos(as) para que possam interpretar, vivenciar e estabelecerem seus próprios conceitos a respeito das lutas.

A unidade temática de lutas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) focaliza as disputas corporais nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço combinando ações de ataque defesa dirigidas ao corpo do adversário (BRASIL, 2017). Rizzo *et al.* (2020), elucida sobre a proposta da BNCC de trabalhar as lutas na educação física escolar sobre a perspectiva da diversidade cultural, para que os(as) alunos(as) possam experimentar e conhecer as características das lutas trabalhadas, além disso propõe a diferenciação entre lutas e brigas, as lutas passam a ser propostas na BNCC

a partir do 3º ano do ensino fundamental, sendo tematizado como objeto de conhecimento do

3º ao 5º ano as lutas do contexto comunitário regional e as lutas de matriz indígena e africana; no 6º e 7º ano as lutas do Brasil e no 8º e 9º ano as lutas do mundo. Dentre as habilidades propostas para o 3º ao 5º ano temos: 1- Experimentar, fruir e recriar Diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana; 2- Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança; 3- Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais. (BNCC, 2017, p. 224)

Entre as habilidades propostas para o 6º e 7º ano, estão:

1- Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como a dos demais; 2- Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente; 3- Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil; 4- Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superar a luz, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito. Com relação ao 8º e 9º ano as habilidades propostas são: 1- Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente; 2- Planejar e utilizar estratégias básicas das muitas experimentadas, reconhecendo a suas características técnico táticas; 3- Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a mediação de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem. (BNCC,2017, P.233)

No entanto, Brandão (2017) alerta para alguns cuidados ao tematizar as lutas na proposta da BNCC na questão da diversidade cultural, que por vezes é tratada no documento de forma superficial, mediante uma perspectiva de habilidades e competências sem estimular a criticidade e a problematização a respeito das práticas corporais africanas e indígenas, com isso é oportuno ao(a) professor(a) buscar valorizar a diversidade cultural e reconhecer das diferentes culturas de lutas no ambiente escolar de forma contextualizada e problematizar questões transversais ao tema.

Problematização das lutas na Educação Física escolar

Lopes e Farias (2014) diferenciam os termos agressividade e violência. O primeiro é algo natural do ser humano, fator contribuinte para a sobrevivência do sujeito, sobrevém em situações de perigo iminente como resposta a ameaça, o segundo como formas amplas de comportamento que visam prejudicar alguém, seja por força física, psicológica ou verbal, assim tem-se a violência como atitude espontânea e presumível humana.

As classificações de lutas propostas por Olivier (2000) podem auxiliar ao(a) professor(a) na seleção, organização e direcionamento deste conteúdo. A classificação aponta lutas de curta distância como as que possuem a intenção de desequilibrar, rolar, projetar, cair e controlar. Nessa distância, o espaço é bastante reduzido entre os oponentes e os praticantes devem se colocar em contato direto. Nas lutas de média distância, os objetivos são tocar e o golpear (mãos, braços, cotovelos, pernas, joelhos, pés etc.). Aqui se torna necessária a aproximação em situações de ataque (por exemplo: chutes, socos e as sequências combinadas). Já as lutas de longa distância abrangem movimentos de tocar no oponente intermediados por implementos. Há também as lutas de distância mista, que é uma característica de lutas que assumem uma transição recorrente de contato físico entre os combatentes.

A classificação de Olivier (2000) implica em uma crítica ao currículo da formação inicial de professores(as) de educação física quanto à diversidade, porque o judô, o karatê e a capoeira são as modalidades mais estudadas no contexto acadêmico. Por conta de um número elevado de imigrantes nipônicos que receberam subsídios governamentais para virem em massa para o Brasil, assim como os diferentes povos africanos criminalmente trazidos para essas terras para sofrer as violências e abusos do sistema escravista, sendo o Brasil o território com maior número desses povos fora das suas terras de origem, logo aparecem dentre as lutas mais praticadas em território brasileiro. Mas qual o espaço das demais lutas, como elementos culturais, que aparecem como proposta teórico-metodológica para a problematização das lutas, como nas diretrizes curriculares regionais? No caso do currículo do Ceará (2020), por exemplo, há um espaço contestado para manifestações de luta como huka-huka, luta marajoara, tarracá, aipenkuit, idjassú, boxe,

muay thai, esgrima, jiu-jitsu, aikido, kung fu, wing chun, kendo, sumô, luta greco-romana ou *wrestling*.

Por outro prisma, observa-se que a predominância de conhecimento entre os(as) alunos(as) sobre lutas recai nas que possuem caráter esportivo de combate, pois são essas que aparecem com maior frequência nas mídias de comunicação. A exemplo disso está a compreensão sobre lutas, por meio das Artes Marciais Mistas (MMA), mediante a sua propagação espetacularizada pela mídia com objetivo de atender às exigências mercadológicas, que divulgam as lutas de forma superficial e, por vezes, reduzidas a práticas violentas e agressivas, como também a promoção de empresas e seus produtos vinculados à prática da luta (BRANDÃO, 2017). Além disso, concordamos também com Moura *et al.* (2019) ao ressaltarem que negligenciar esse tema na escola nutriria ideias errôneas exibidas pelas mídias, por isso o ambiente educacional precisa exercer sua função pedagógica de problematizar essa prática de forma crítica. Nesse sentido, a pesquisa de Jardim (2018) sobre o MMA feminino merece destaque por ressaltar questões de gênero nesse campo, contribuindo para valorizar os saberes das alunas.

Lopes e Farias (2014) apresentam a ligação dos(as) alunos(as) entre lutas, violência e agressividade, decorrente da influência de como as lutas são comercializadas pela mídia, em que resumem apenas à prática esportiva, assim excluindo a representação histórica, cultural e filosófica de cada luta e seus códigos de conduta. De acordo com Rufino e Darido (2015), no contexto da educação física escolar é importante abordar as lutas em sua totalidade, como as lutas esportivizadas e as lutas enquanto práticas pertencentes a culturas diversas, desvinculada do caráter esportivizado, as quais possuem seus próprios significados e filosofias, dessa forma cabe ao(à) professor(a) apresentar aos(às) alunos(as) as diversas expressões das lutas, para que esses(as) sejam capazes de experienciar, compreender e estabelecer uma construção crítica.

Entre crianças e jovens, no contexto escolar é mais frequente nas aulas de educação física, observar o uso de ofensas depreciativas e de *bullying* entre os pares, em comparação às outras disciplinas, pois o ambiente da educação física propicia maior contato entre os sujeitos em atividades corporais, que os torna mais expostos ao desempenho prático, assim, mediante a visibilidade da execução, nota-se a presença de sentimentos

depreciativos e manifestações ofensivas, que podem advir de vivências fora do contexto escolar (ROQUE; CASTELO, 2019).

Mediante esta afirmação, Cruz *et al.* (2018) relatam a oportunidade de abordar temáticas heterogêneas que emergem com a problematização do conteúdo lutas na educação física escolar, as quais são inerentes ao ambiente escolar como relações de preconceitos, dominação e carregadas de intolerância entre os pares, por vezes normalizadas pelo estereótipo de cultura corporal presente na escola, com a tematização crítica de lutas, observou-se uma provável (re)construção dos(as) discentes a respeito da representação cultural das lutas baseadas em significados, além disso, rompimento com paradigmas pré-existentes e situações adversas de caráter depreciativo relacionado às lutas.

Quanto às diferenças entre lutas e brigas, as lutas são regidas por regras que devem ser seguidas para melhor dinâmica na realização dessas práticas levando em consideração a duração do embate os equipamentos de proteção a vestimenta dos locais onde ocorrem os combates golpes permitidos e proibidos dentre outros aspectos as lutas são regulamentados por entidades associações federações e confederações na realização das lutas são valorizados os aspectos de respeito aos adversários e valores éticos e morais de cada modalidade. Já nas brigas não existem regras que se caracterizam por uma contenda entre duas ou mais pessoas sem nenhum tipo de organização, regulamentação oficial e resultam de sentimentos e emoções negativas como a raiva o ódio aversão dentre outros (OLIVIER, 2000; SO; BETTI, 2009).

Segundo Crespan e Ahalert (2015), a escola apresenta-se como uma etapa de maior sociabilidade de cada sujeito, atuante em (re)formular e (re)modelar a personalidade, estimulando o pensamento crítico dos(as) discentes, assim como também estabelecendo as regras do ambiente escolar e mediando a relação entre os pares, é corriqueiro os casos de violência exercido dentro do ambiente escolar, principalmente entre alunos(as), na forma de agressões físicas, verbais e/ou psicológicas. Ainda em consonância com os autores, os motivos para compreender essas ações são diversos, um deles é o fato de que os(as) alunos(as) estão inseridos em uma cultura violenta, que por vezes estimula ideais de competitividade, ou da necessidade de se autoafirmar importante e poderoso. Notam-se

também como agentes da reação a esses feitos agressivos dos jovens, a ausência dos sentimentos de amor, carinho e segurança recebidos pelos(as) familiares.

Abordagem metodológica das lutas na Educação Física escolar

Ao abordar sobre a temática lutas na escola, Brandão (2017), salienta a importância de aulas teóricas antes das aulas práticas, mediante a ligação corriqueira feita pelos(as) alunos(as) entre lutas violência e agressividade, assim essas aulas teóricas podem trazer textos explicativos, a fim de esclarecer os conceitos e diferenciar os dois atos, assim promover o debate crítico entre alunos(as) e professor(a), como também confrontar e clarear a diferença entre lutas e brigas. O autor destaca o conhecimento prévio predominante dos(as) alunos(as) sobre as lutas esportivizadas e com o decorrer da explanação das aulas respostas variadas sobre lutas de matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas, essas aulas proporcionam o trabalho da diversidade cultural de cada prática e sobre suas bases filosóficas, essas que possibilitam o trabalho das temáticas de respeito, obedecer às regras e normas.

Segundo Gomes (2008), um dos caminhos para o ensino das lutas de forma prática na escola é trabalhar com atividades dinâmicas baseadas em princípios condicionais que guiam as práticas das lutas, assim estimulando os(as) alunos(as) na resolução de problemas que podem ser solucionados por técnicas básicas das lutas como ataque e defesa, essas atividades proporcionam aos(as) alunos(as) a possibilidade de vivenciar algumas técnicas, entender a imprevisibilidade de um combate e estimular a tomadas de decisão, como também o trabalho em grupo.

Para Souza e Freire (2021), a proposta de uma educação popular é valorizar a reflexão crítica e democrática sobre o reconhecimento cultural dos(as) discentes nas aulas, tornar explícitas as intempéries reproduzidas pela sociedade, de forma a elucidar os conhecimentos populares das classes subalternizadas, a fim de tornar esses sujeitos autônomos de suas próprias reflexões. De acordo, com a perspectiva do autor destacamos a importância do(a) professor(a) em reconhecer nas aulas os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) a respeito das lutas que por vezes são estigmatizadas de violência e

agressão, com isso propor em suas discussões com os(as) discentes momentos reflexivos, críticos e de ressignificação sobre o universo da cultura das lutas.

Considerações finais

Com base no objetivo de desmistificar a relação entre o ensino das lutas e de problematizar as situações de violência no âmbito da educação física escolar, associamos as nossas reflexões às relações de violência e agressividade às lutas, bem como à diversidade das lutas como elementos culturais. Nesse sentido, entendemos que há práticas hegemônicas – como o MMA, devido à influência midiática – que integram a cultura corporal e que são suscetíveis a serem abordadas criticamente nas aulas de educação física. Quanto ao karatê, que é uma das lutas mais recorrentes em proposições curriculares da educação física escolar, consideramos que é muito mais que um esporte ou uma luta corpo a corpo, porque também é visto como um estilo de vida, uma arte baseada em religiões, doutrinas, princípios éticos e morais com uma filosofia de autotransformação e respeito ao ser humano. Analogamente, a mesma lógica interna se aplicaria ao judô e à capoeira, como elementos culturais recorrentes nos currículos.

Nessas três lutas mais recorrentes – a capoeira, o judô e o karatê – e também em outras há destaque para o respeito ao(a) próximo(a) e a cortesia, que são atributos fundamentais para o praticante. Contudo, no caso específico da capoeira há uma visão crítica sobre a “cortesia” porque o ideário cortês é colonial e burguês, ao passo que a capoeira é uma luta originariamente de resistência à escravização. Nesse sentido, as lutas auxiliam cada sujeito a refutar a violência e controlar a sua própria agressividade e, mais do que isso, a canalizá-la com um propósito que se coaduna a valores e princípios. Entendemos que esse aspecto valorativo e autocrítico aponta características formativas relevantes no ensino das lutas nas aulas de educação física escolar.

Ainda, identificamos que há na literatura uma discussão abrangente sobre os episódios de agressividade – tidos como corriqueiros no ambiente escolar entre os(as) alunos(as) – e a dificuldade dos(as) docentes em lidar com esses acontecimentos. Consideramos que nas aulas de educação física essas situações de agressividade podem

ser mais latentes ou potencializadas, devido às disputas ocasionais nas vivências, sobretudo quando há ênfase na competitividade. À guisa de conclusão, as lutas – como conteúdo temático da educação física escolar – abrangem a complexidade das dinâmicas da cultura, do corpo, do movimento e do ambiente por meio de diversas perspectivas culturais, abordagens filosóficas, códigos de condutas e práticas específicas.

Consideramos que os processos de ensino e de aprendizagem das lutas nas aulas de educação física na educação básica são enfatizados por proposições curriculares nos âmbitos nacional e regionais. Todavia, os conteúdos vinculados às lutas estão baseados em competências e habilidades que não se coadunam, necessariamente, com os princípios e valores originários desses elementos culturais. Nesse sentido, não basta que as lutas constem nas proposições curriculares, é importante que o ensino e a aprendizagem sejam concretizados criticamente pelos sujeitos – professores(as) e alunos(as). Caso contrário, há o risco de a abordagem curricular das lutas tornar-se superficial, sendo circunscrita apenas aos anos iniciais do ensino fundamental, sem progressão do tema ao longo dos anos seguintes e no ensino médio. Consideramos que essa lacuna amplia a necessidade de desmistificar as práticas de lutas e a importância de problematizá-las como conteúdos temáticos nas aulas de educação física em todos os níveis da educação básica, com implicações para os processos formativos de professores(as).

Referências

- ALMEIDA, S. M. N; ALENCAR, M. L. O adolescente e a cultura de paz. In: MATOS, K. S. A. L. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade II**. Fortaleza: UFC, 2011, pp. 47-60.
- ALVAREZ, G. **Luta: uma prática milenar**. Lisboa: Ministério da Juventude e do Desporto, Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000.
- ALVES JÚNIOR, E. D. Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. In: **Anais... XII Encontro Regional de História** – ANPUH, Rio de Janeiro, 2006.

BARREIRA, C. R. A. A norma sensível à prova da violência: o corpo a corpo em disputa sob a ótica fenomenológica em psicologia do esporte. **Phenomenological Studies**, Goiânia, n. 23, v. 3, pp. 278-292, set./dez. 2017.

BARREIRA, C. R. A.; TELLES, T. C. B. Reflexões sobre a violência no esporte. In: RUBIO, K.; CAMILO, J. A. O. (Orgs.). **Psicologia social do esporte**. São Paulo: Laços, 2019, pp. 79-104.

BRANDÃO, P. P. S. Lutas no currículo da educação física no ensino fundamental sob o olhar da diversidade cultural: experiências na escola de aplicação da Universidade Federal do Pará. **Dissertação** (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) – UFPA, Belém, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei n. 9394/96**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 out. 2021.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CEARÁ. Conselho Estadual de Educação. **Documento curricular referencial do Ceará**. Fortaleza: Câmara da Educação Básica, 2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ce.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, pp. 1- 9, jan./mar. 2010.

CRESPAN, A. G.; AHLERT, A., Agressividade e violência na escola: olhares sobre a educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 2, pp. 71-84, jul./dez. 2015.

CRUZ, J. K. O *muay thay* como ferramenta pedagógica na educação física. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória, 2019.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FREITAS, V. L. U., SOUSA, M. F. Agressividade, violência e budô: temas da educação física em uma escola estadual de Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

GARCIA N, A. VOTRE, S. R. Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, n. 38, v. 4, pp. 407-413, 2015.

GOMES, M. S. P. Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, 2008.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista**. São Paulo: Loyola, 1998.

GONÇALVES, N. Tematizando as lutas dos desenhos animados: uma leitura crítica através da abordagem cultural. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 15, n. 147, ago. 2010.

JARDIM, J. G. “It’s time”! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília, 2018.

KASPRZAK, R. G. **Desenhos animados em tempo de violência: uma contribuição para pensar a construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, 1997.

LIMA, V. B. R. *et al.* Influência do vale-tudo nos atletas atuais de MMA. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 20, n. 209, out. 2015.

MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: **Anais... Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MELO, M. G.; FALCÃO, J. L. C.; COSTA, D. S.; MASSON, F. G. P.; NASCIMENTO, P. H. F. Lutas aplicadas à educação física escolar: realidades e possibilidades. In: **Anais... 10ª Semana Científica da Faculdade de Educação Física**, Universidade Federal de Goiás, 2011.

MOURA, D. L. O ensino de lutas na educação física escolar: uma revisão sistemática da literatura, **Pensar a Prática**, Goiânia, n. 22, pp. 51677, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v220.51677.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**. Porto Alegre, n. 13, v. 3, pp. 91-100, set./dez. 2007.

OLIVIER, J. C. **Das brigas aos jogos com regras**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília: UNESCO; UCB, 2002.

RIBEIRO, J. C. C.; CAMPOS, F. K. D. História da esgrima, da criação à atualidade. **Journal of Physical Education**, v. 76, n. 137, pp. 65-69, 2007.

RIOS, G. B. O processo de esportivização do taekwondo. **Pensar a Prática**, Goiânia, n. 8, v. 1, pp. 37-54, jan./jun. 2005.

RIZZO, F. A.; GOMES, R. G. S.; DIAS, C. B.; BARROSO, A. R. Lutas na base nacional comum curricular: unidades didáticas para o ensino fundamental. **Intellectus**, v. 61, n. 1, pp. 80-99, 2020.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SO, M. R.; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na educação física escolar. In: **Anais... IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**: as lutas no contexto da motricidade humana, Universidade Federal de São Carlos, 2009, pp. 540-553.

TRACIL, M. A F. Artes marciais chinesas: histórias de vida de mestres brasileiros e as tensões entre a tradição e o modelo esportivo. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2014.

TRAMONTIN, Z. **O karatê como agente minimizador da agressividade no ambiente escolar**. Projeto de Implementação Pedagógica, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 2008.

VASQUES, D. G. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 22, pp. 1-23, set. 2013.